

# Cartilha de práticas pedagógicas

---

HISTÓRIA

Ensino Médio

---

## **Relações étnico-raciais: educar para o reconhecimento e valorização da diversidade e da diferença**

**JANAINA GUIMARÃES  
DA FONSECA E SILVA**

Secretaria Executiva  
de Desenvolvimento  
da Educação

Secretaria  
de Educação  
e Esportes



GOVERNO DE  
**PER  
NAM  
BU**CO  
ESTADO DE MUDANÇA

# Cartilha de práticas pedagógicas

---

HISTÓRIA  
Ensino Médio

---

## **Relações étnico-raciais: educar para o reconhecimento e valorização da diversidade e da diferença**

**JANAINA GUIMARÃES  
DA FONSECA E SILVA**

Secretaria Executiva  
de Desenvolvimento  
da Educação

Secretaria  
de Educação  
e Esportes



GOVERNO DE  
**PER  
NAM  
BU**CO  
ESTADO DE MUDANÇA

Equipe Técnica

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - SEDE  
Tarcia Regina da Silva

SUPERINTENDÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS  
DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA - SUPEFI  
Rodrigo César Barroncas Silva

PRODUÇÃO EDITORIAL  
Companhia Editora de Pernambuco - Cepe

#### SOBRE A AUTORA

Janaína Guimarães: Pós-doutorada pela Universidade da Paraíba (2022), sendo doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2012), onde também fez mestrado (2007) e graduação (2004). É professora adjunta da Universidade de Pernambuco, campus Mata Norte e membro permanente do PROFHISTÓRIA da UPE e do Programa de Pós-graduação em História da UFRPE. janaina.guimaraes@upe.br

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Silva, Janaína Guimarães da Fonseca e  
Relações étnico-raciais : educar para o  
reconhecimento e valorização da diversidade e da  
diferença / Janaína Guimarães da Fonseca e Silva. --  
Recife, PE : Secretaria de Educação e Esportes, 2024.  
-- (Cartilha de práticas pedagógicas. História :  
ensino médio)

Bibliografia.  
ISBN 978-65-993793-6-9

1. Decolonialidade 2. Diversidade 3. Educação  
4. Racismo 5. Relações étnicas - Brasil 6. Violência  
I. Título. II. Série.

24-196439

CDD-306.43

---

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Relações étnico-raciais : Sociologia educacional  
306.43

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Impresso no Brasil 2024  
Foi feito o depósito legal

# Sumário

<b>Para início de conversa</b> .....	4
<b>Capítulo 1</b>	
<b>Por que abordar as relações étnico-raciais:?</b> .....	5
<b>Capítulo 2</b>	
<b>(Re)conhecendo a diversidade e diferença</b> .....	7
<b>Capítulo 3</b>	
<b>Educação antirracista e decolonial</b> .....	9
<b>Capítulo 4</b>	
<b>Práticas antirracistas</b> .....	11
Experiência 1: Oficina sobre a obra <i>Úrsula</i> (1859), de Maria Firmina dos Reis .....	11
Experiência 2: Celebração da diversidade .....	12
Experiência 3: Racismo e violências: homens negros na mira .....	13
Experiência 4: Personagens histórico-políticas negras e produção de <i>podcasts</i> .....	13
Experiência 5: Ausências de Histórias de negros e indígenas nos arquivos históricos .....	14
<b>Considerações finais</b> .....	15
<b>Referências bibliográficas</b> .....	15

# Para início de conversa

Vamos começar a pensar juntos sobre o ensino das *Relações Étnico-Raciais: educar para o reconhecimento e a valorização da diversidade e diferença?* Primeiramente, precisamos ressaltar a importância e a amplitude do tema, o que nos coloca o desafio de sintetizar, da melhor forma, seus principais pontos para os professores da rede. Para início de conversa, gostaria de apresentar algumas seções que estarão presentes nesta cartilha, com o intuito de tornar mais fácil sua leitura.

Nossa cartilha está dividida em quatro capítulos. O primeiro versa sobre “Por que abordar as relações Étnico-Raciais?”, no qual tecemos uma explicação sobre as dificuldades históricas para a presença de negros e indígenas nas narrativas oficiais e como as lutas e as leis foram construídas na busca por equidade.

O segundo capítulo tem como tema a discussão do reconhecimento da diversidade e da diferença entre todos nós, sem partir da premissa de que existe um ser universal ao qual devíamos todos nos assemelhar. Já o terceiro, traz as abordagens da pedagogia antirracista e decolonial como suporte para o ensino que se pretende aplicar a partir desta cartilha. Por fim, nosso último capítulo, apresenta práticas antirracistas, com estratégias e temas para, na prática, abordarmos as relações étnico-raciais.



# 1

## Por que abordar as relações étnico-raciais?

A educação, enquanto palco de disputas, tem sido regida por uma forma de produção de conhecimento que constrói narrativas de submissão e apagamentos acerca dos povos negros, originários e outros em estado de subalternização no Brasil. A educação para as relações étnico-raciais é uma urgência na sociedade brasileira, na qual o racismo estrutural é evidenciado em violências que incidem sobre os corpos e as vidas negras e indígenas.

É vasta a literatura referente às tentativas de descolonização do saber, que diagnostica a manutenção da hegemonia do conhecimento baseado unicamente nas experiências e narrativas da branquitude. Tal discussão aponta a necessária construção de novas estratégias a partir de matrizes de conhecimento diferentes, descentralizadas e de saberes locais, que deem visibilidade, rompam com os processos de inferiorização de populações não brancas e auxiliem na construção de uma sociedade equânime.

O processo de produção de saberes históricos fundado sobre matrizes europeias tem sido longamente questionado, com maior fôlego após a reorganização do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978, e grandes conquistas, como a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas.

O Conselho Nacional de Educação (CNE), em 2004, aprovou o parecer nº 03/2004, propondo as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africanas e Afro-Brasileiras. Depois foi aprovada a Lei nº 11.645, em 10 de março de 2008, que incluiu o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas redes de ensino públicas e privadas. Essa legislação, a primeira já com 20 anos, nos garante o ensino das

relações étnico-raciais não só como algo possível, mas como uma obrigatoriedade na realidade educacional brasileira, para a qual temos que tecer diversas estratégias de ação.

Contudo, esse processo, inscrito na esteira da descolonização do saber, encontra diversos impedimentos e exige uma reformulação nas concepções da educação brasileira, assim como na produção de materiais didáticos e nas práticas docentes. Assim, essa cartilha tem como objetivo contribuir para fortalecer os compromissos para com as leis acima citadas e fornecer reflexões e alternativas aos professores para que abordem de forma contínua e transversal as relações étnico-raciais, partindo do respeito e reconhecimento da diversidade e diferença de todos que compõem nosso país e especificamente o Estado de Pernambuco.

Uma forma importante de reverter esse olhar único sobre a forma de fazer história e mostrar várias perspectivas e toda diversidade da história brasileira e pernambucana é a leitura de autores negros e negras, que pode ser feita em conjunto com os alunos através de trechos de obras. Sugerimos aqui as obras de Lélia González, Abdias do Nascimento, Conceição Evaristo, Suely Carneiro, Gerreiro Ramos, Valéria Costa, Maria Firmina dos Reis, Beatriz Nascimento e Clovis Moura. Uma boa forma de introduzir a questão é: por que não conhecemos esses e essas autoras? Apenas pessoas brancas produziram conhecimento ao longo dos séculos?



### **PARA REFLETIR...**

Por que apenas os saberes produzidos pelos brancos foram historicamente valorizados em nossa cultura e, conseqüentemente, na educação? As relações étnico-raciais têm como potencial valorizar a diversidade de nossos sujeitos e grupos sociais em suas diferenças.



### **FALA PESQUISADOR(A)**

A branquitude é como chamamos as construções raciais e, portanto, sociais de pessoas brancas em relação aos demais membros da sociedade. Trata-se de um termo utilizado de forma crítica, visto que a racialização costuma ser tratada como uma questão dos negros e não dos que construíram o processo de segregação (Bento, 2022).

# 2

## (Re)conhecendo a diversidade e diferença

Pensando a escola como uma arena cultural, onde diversos sujeitos convivem cotidianamente a partir de suas múltiplas realidades, se faz necessária a reflexão sobre a importância das relações étnico-raciais para a compreensão da diversidade e o convívio com as diferenças. Ambas entendidas não a partir de uma perspectiva única, de sujeito universal, mas da ideia de que somos todos diversos, múltiplos e diferentes, tanto coletiva quanto individualmente. Assim, precisamos respeitar e sermos respeitados em todos os ambientes.

A educação enquanto direito universal foi estabelecida no Brasil apenas na Constituição Federal de 1988. Durante as décadas de 1990 e as primeiras do século XXI, vimos a população empobrecida, em sua maioria negra e indígena, adentrar as escolas públicas do país e logo as universidades, ainda que em menor medida. Esses novos estudantes, novos corpos, precisam igualmente de respeito, de reconhecimento de suas Histórias e, principalmente, de espaços saudáveis de convivência para a produção de saberes.

A perspectiva trabalhada a partir da noção de diferença tem também seus empecilhos, pois por muito tempo trabalhamos apenas em uma perspectiva única de olhares culturais e



### VOCÊ SABIA?

Que diversidade são as múltiplas maneiras de ser e as diferentes constituições de grupos sociais e suas manifestações sejam elas culturais, políticas, raciais ou de gênero. Esse conceito passa a ser utilizado em relação às questões raciais mais amplamente na década de 1990.

civilizacionais que excluíaam conhecimentos de matrizes africanas, afro-brasileiras e indígenas, não reconhecendo as aptidões e a grande participação desses sujeitos na construção histórica do país

A diversidade, que inclui as construções históricas e sociais das diferenças, mesmo sem consciência, é marcada por grupos sociais que a representam, mexendo com a ordem até então vigente, exigindo mudanças nos currículos e nos comportamentos de todos que compõem o ambiente escolar. Precisamos estabelecer estratégias para o trato pedagógico das diferenças e da diversidade como elementos positivos e enriquecedores do processo educativo, descartando a homogeneidade como padrão.

Uma boa forma de discutir diversidade em sala de aula é propor uma oficina sobre beleza e padrões. Para isso, serão necessárias revistas ou consultas a sites de beleza. Neles, os padrões da branquitude geralmente estão marcados. Converse com alunas e alunos para saber como se sentem em relação a esses padrões e juntos contestem o porquê da maioria dos modelos serem brancos, magros e de cabelos claros. A quem interessa a manutenção desses padrões e que autoestimas são feridas por eles? A diversidade está na celebração da multiplicidade, proponham a busca e o incentivo da beleza negra e indígena.



## **SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA!**

Os negros escravizados trazidos de forma violenta e desumana ao Brasil chegaram a 4 milhões de homens, mulheres e crianças. O maior grupo de africanos escravizados que veio para o Brasil foi os Bantos, que são originários da África Meridional. Os Bantos perfazem 70% dos africanos que atravessaram o Atlântico através do tráfico negreiro, seguido de 25% de Yorubás e os outros 5% espalhados entre Jêjes e Malês.

# 3

## Educação antirracista e decolonial

A desigualdade racial no Brasil é refletida nos índices de pobreza da nossa população. Dados gerados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que os negros compõem 56% da população brasileira e 71% da população pobre do país. Essa desigualdade estrutural se reflete na educação e também é fruto da falta dela por tanto tempo. Uma educação antirracista se faz urgente para gerar equidade e outras possibilidades para nossas populações subalternizadas.

Uma educação antirracista é aquela que se coloca no combate ao racismo e às estruturas que permitem sua permanência. O educador precisa se qualificar, se apropriar de conceitos sobre a História da África e afro-brasileira para, assim, poder praticar uma educação antirracista. Dessa forma, será capaz de repensar suas práticas e, principalmente, de buscar meios para valorizar as trajetórias e as lutas dos negros e dos povos originários para existir e resistir.

A educação antirracista tem sido promovida pelos negros desde a abolição da escravidão, nas várias formas tomadas pelos movimentos negros ao longo dos últimos dois séculos, com base decolonial. Uma educação decolonial é aquela que se coloca contra a colonialidade, entendida como o conjunto das relações intersubjetivas de dominação que permaneceram após o fim da colonização sob hegemonia eurocentrada.

Ou seja, pela colonialidade seguimos dominados em nossas formas de viver, ser e produzir conhecimentos, ainda que não mais subjugados politicamente na forma colonial. Uma educação antirracista e decolonial tem por base a ruptura dessa hegemonia europeia sobre as produções de saberes e as estruturas racistas que mantêm nossa sociedade segregada.

Algumas questões são fundamentais à promoção de uma educação antirracista, a começar pelo combate ao racismo dentro do próprio ambiente educacional. Falar do racismo estrutural é fundamental, entretanto devemos ter extremo cuidado para não o reproduzir na escola. Precisamos também da valorização da diversidade e das diferenças não apenas em dias específicos – como no Dia Nacional da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares – mas cotidianamente.

Importantíssimas são a representatividade e a valorização da autoestima de negros e indígenas no ambiente escolar, de modo a evitar comparações e a incentivar suas realizações, bem como a promoção de espaços para que expressem qualquer desconforto diante de racismos.

Exemplos de práticas antirracistas:

- Aulas com brincadeiras e jogos africanos e afro-brasileiros;
- Leituras de autores negros, com a finalidade de conhecer personalidades negras regionais e nacionais;
- Produção do “censo da diversidade”, para que a escola reconheça o pertencimento étnico-racial de estudantes e pense na possibilidade de realizar o trabalho no bairro ou na cidade;
- Atividades artísticas e expositivas para os estudantes explorarem de forma criativa a temática (teatro, dança, música, seminários);
- Exibição de filmes que tratam sobre o tema e debate entre professores e alunos.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>



## ISSO É MASSA!

A música *Um corpo no mundo*, de Luedji Luna, é utilizada para discutir a relação ser-estar no mundo dos corpos negros, sendo ótima também para contestar a separação entre corpo e mente tão comum no pensamento cartesiano ocidental. Veja o clipe e trabalhe com seus estudantes! (Monteiro, 2023)

# 4

## Práticas antirracistas

Compreendemos como práticas antirracistas aquelas voltadas para o combate ao racismo no intento maior de sua reversão/destruição. A história de nosso país foi fortemente marcada pela opressão de pessoas negras e indígenas que agora, ainda que formalmente livres, sofrem com as consequências de séculos de violência e de expropriação.

Quando falamos de educação antirracista e decolonial, pensamos em outras possibilidades de existência para esses povos, construindo caminhos para a saída da pobreza ou das condições subjetivas de inferiorização.

Pessoas brancas não costumam questionar a ausência de pessoas negras nas histórias ou nos espaços de poder, embora isso deva ser uma obrigação de todos. Por isso, cabe aos educadores pontuar essas lacunas nas narrativas e questionar por que elas são sempre escritas a partir do ponto de vista dos brancos.

Por que as noções de beleza são brancas? E as festas celebradas são sempre as da cultura ocidental? Bem como as formas de comer e vestir? E as músicas escutadas? Qual a cultura consumida dentro e fora das escolas? Precisamos pensar nessas questões para a promoção de uma real educação que valorize a diversidade.

Que tal, agora que fizemos essa reflexão, passarmos a exemplos de práticas antirracistas possíveis?

### **Experiência 1: Oficina sobre a obra *Úrsula (1859)*, de Maria Firmina dos Reis**

O romance retrata a escravidão brasileira e foi escrito por Maria Firmina dos Reis, mulher negra, nascida no Maranhão em 1825. Formada professora, ensinava pessoas negras a ler e a escrever, mostrando que sempre existiram movimentos de resistência e tentativas de ruptura com a colonialidade.

Trabalhar a obra de Maria Firmina, a partir do contexto de sua época, é uma ótima forma de despertar nos alunos o olhar decolonial ao mostrar os conhecimentos desenvolvidos por pessoas negras desde o período escravagista e a crítica realizada por esses sujeitos. A obra é de fácil acesso e pode ser lida como leitura complementar ou paradidático. Essa atividade pode ser relacionada com o conteúdo do Brasil Império e da situação dos negros então.

## Experiência 2: Celebração da diversidade

Mesmo que a escola seja laica, são celebrados o Natal, a Páscoa e tantos outros feriados cristãos. Entendendo as celebrações de matrizes africana e indígena como parte da ancestralidade cultural brasileira, não apenas em seus aspectos religiosos, propomos a inclusão da celebração de algumas dessas datas para o conhecimento dessas culturas por parte dos diversos alunos, como:

- 2 de fevereiro, festa de Iemanjá;
- 21 de março, dia dos indígenas Pankararu;
- 23 de abril, quando se celebra Ogum;
- 25 de maio, Dia Internacional da África;
- Celebração do Julho das Pretas, em homenagem ao 25 de julho, Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha;
- 20 de novembro, Dia da Consciência Negra;
- 22 de novembro, que celebra a Revolta da Chibata;
- 2 de dezembro, Dia Nacional do Samba;
- 4 de dezembro, em homenagem a Iansã



A Festa de Iemanjá acontece no dia 2 de fevereiro. Fonte: Letícia Daher/Flickr

Várias outras datas podem ser encontradas em calendários indígenas e afro-centrados. O importante é a celebração contínua da diversidade.

### Experiência 3: Racismo e violências: homens negros na mira

Os números do IBGE mostram que os homens negros são as maiores vítimas de homicídios deste país. Mas por que isso acontece? Vamos fazer uma aula sobre masculinidades negras e racismo para refletir com os alunos como o racismo estrutural coloca os homens negros em condições de vulnerabilidade e como as masculinidades negras são também construídas para a violência?

Uma sugestão é a discussão de trechos do texto de bell hooks (sim, ela escolheu a escrita se deu nome em minúscula), *A gente é da hora: homens negros e masculinidades*, seguido do documentário *Humanidade do homem negro*, do canal Futura.

Após a leitura e a sessão do documentário, uma roda de discussão seria uma boa opção para conduzir o debate.

### Experiência 4: Personagens histórico-políticas negras e produção de podcasts

Nesta oficina, propomos que os estudantes façam pesquisas para a construção de mini-podcast sobre mulheres históricas negras, personagens que são pouco conhecidas, mas sobre as quais existe uma literatura antirracista disponível. Sugerimos nomes como Petronilha da Silva, Luiza Bairros, Nilma Lino Gomes, Marielle Franco, Benedita da Silva, entre outras sobre as quais se encontra material suficiente.

Dessa forma, alunas e alunos analisarão a importância histórica e política dessas mulheres em nosso país e construirão um material didático que poderá ser reutilizado em outras turmas. Essa produção pode ser relacionada com os conteúdos da redemocratização do país e da política contemporânea. Um exemplo seria o podcast sobre mulheres históricas, o *Girapodcast*.



#### PARA REFLETIR...

Segundo a edição do relatório *Violência armada e racismo de 2020*, estudo do Instituto Sou da Paz, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes de negros em 2020 no Brasil foi de 51, número quase quatro vezes maior do que a de homens não negros (14,6). O que podemos fazer para mudar esse índice? Como a educação pode ajudar?



**Humanidade do homem negro (Canal Futura)**  
Disponível em: <https://abre.ai/doc-futura>



**Girapodcast. Disponível em <https://abre.ai/podcast-cartilha>**

## Experiência 5: Ausências de Histórias de negros e indígenas nos arquivos históricos

Selecione alguns documentos históricos e observe, junto aos estudantes, as poucas informações que aparecem sobre negros e escravos, poucos nomes, trajetórias e histórias de vida. Conte junto a eles quem produz esses documentos e quais histórias e vidas eram priorizadas, como essas pessoas eram tratadas e de que forma precisamos reescrever essas histórias a partir da *oralitura* para que tenhamos outras narrativas possíveis. Essa oficina pode ser realizada junto aos conteúdos ligados ao período colonial e aos estudos sobre a Capitania de Pernambuco.



### VOCÊ SABIA?

*Oralitura* é como se denominam as expressões dos saberes e memórias por meios de performances, gestos, histórias contadas dos povos africanos e afro-brasileiros que não foram escritos tais quais as dos povos “ditos” civilizados.



- O texto *Vênus em dois atos*, de Saidiya Hartman; o documento do processo inquisitorial de Rodrigo Fidalgo, localizado em Pernambuco quando processado, no qual são citadas 15 escravizadas violentadas, disponível em:

<https://abre.ai/venus-dois-atos>



- Documentos do Arquivo Histórico Ultramarino referentes a Pernambuco, nos quais os indígenas são genericamente chamados de Tapuias:

<https://abre.ai/doc-tapuia>

## Considerações finais

O material pedagógico aqui apresentado pretendeu fazer uma crítica à forma única de produção de conhecimento histórico, mostrando a importância de valorizarmos a diversidade e de nos dedicarmos a um ensino que busque combater o racismo. Para tanto, apresentamos, além de uma discussão sobre o tema, várias possibilidades de práticas antirracistas a serem utilizadas em sala de aula.

## Referências bibliográficas

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras, 2022.

CARINE, Bárbara. *Como ser um educador antirracista*. Editora Planeta, 2023.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação*. Vozes, 2017.

MONTEIRO, Débora. *Educação antirracista e decolonial: No chão da escola*. Dialética, 2023.

MOURA, Carlos André Silva de; SANTOS, Mário Ribeiro dos; ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de. *Exu faz presença na sala de aula: Reflexões sobre as práticas religiosas afro-brasileiras no Ensino de História*. Revista História Hoje, v. 11, n. 22, p. 327-348, 2022.

SILVA, JANAINA GUIMARÃES DA FONSECA E . *Lugones e o escurecer do ensino de história*. ESTUDOS FEMINISTAS , v. 30, p. 1-12, 2022.



### PARA SABER MAIS

*Diversidade racial*. Disponível em:  
<https://abre.ai/diversidade-tag>

*O que é e como promover a diversidade racial*. Disponível em:  
<https://abre.ai/promover-diversidade>



GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Raquel Teixeira Lyra Lucena  
Governadora do Estado

Priscila Krause Branco  
Vice-Governadora

Ivaneide de Farias Dantas  
Secretária de Educação e Esportes – SEE/PE

Tarcia Regina da Silva  
Secretária Executiva de Desenvolvimento da Educação – SEDE

Secretaria Executiva  
de Desenvolvimento  
da Educação

Secretaria  
de Educação  
e Esportes



GOVERNO DE  
**PER  
NAM  
BUCO**  
ESTADO DE MUDANÇA

ISBN 978-65-993793-6-9



9 786599 379369

Secretaria Executiva  
de Desenvolvimento  
da Educação

Secretaria  
de Educação  
e Esportes



GOVERNO DE  
**PER  
NAM**  
**BUCO**  
ESTADO DE MUDANÇA

